

O ENSINO DE GRAMÁTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

TEACHING GRAMMAR IN ELEMENTARY SCHOOL: A LOOK AT TEACHING PRACTICE

Camille Pantoja De Sousa¹

Universidade do Estado do Pará

Josinaira lobato Lima²

Universidade do estado do Pará

Luciana Renata dos Santos Vieira³

Universidade do Estado do Pará

Resumo: A presente pesquisa trata de uma análise realizada a partir da revisão dos resultados de pesquisas sobre o ensino de gramática na educação básica e aborda aspectos sobre as dificuldades encontradas na prática docente, bem como problemas atrelados ao ensino e aprendizagem da gramática normativa em sala de aula, o qual, algumas vezes, pode não levar em consideração as experiências e conhecimentos dos alunos. O trabalho tem como objetivo principal analisar as metodologias e práticas docentes no ensino de gramática do ensino fundamental. Para alcançar o objetivo proposto, foram consultadas cinco pesquisas relacionadas ao ensino (entre o período de 2018 e 2023). O estudo apoiou-se nas seguintes bases teóricas: Antunes (2003, 2007); Bagno (1999); Geraldi (2011); Perini (2004) e Soares (2011). Essa pesquisa enquadra-se metodologicamente como bibliográfica, do tipo qualitativa, na área de Linguística Aplicada. Os resultados alcançados foram organizados de acordo com o objetivo proposto e revelaram a relevância de outras abordagens que complementem o ensino da gramática normativa, considerando a diversidade das situações comunicativas.

Palavras-Chave: Ensino; Gramática; Metodologias.

Abstract: This research deals with an analysis carried out based on the review of research results on teaching grammar in basic education and addresses aspects of the difficulties encountered in teaching practice, as well as problems linked to the teaching and learning of normative grammar in the classroom, which sometimes fails to consider students experiences and knowledge. The main objective is to analyze teaching methodologies and practices in grammar education at the elementary level. To achieve this objective, five studies related to grammar teaching (between 2018 and 2023) were consulted. The study was based on the following theoretical frameworks: Antunes (2003, 2007); Bagno (1999); Geraldi (2011); Perini

¹ Pós-Graduada especializada em Língua Portuguesa, Linguagens e Literatura pela Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia. camillepantoja19325@gmail.com

² Pós-Graduada especializada em Língua Portuguesa, Linguagens e Literatura pela Faculdade de Educação e Tecnologia da Amazônia. nairalobato7209@gmail.com

³ Mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente vinculada ao Departamento de Língua e Literatura (DLLT) da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Email:luciana.rds.vieira@uepa.br

(2004); Soares (2011). Methodologically, this research is classified as bibliographic, qualitative, and within the field of Applied Linguistics. The results achieved were organized according to the proposed objective and revealed the relevance of other approaches that complement the teaching of normative grammar, considering the diversity of communicative situations.

Keywords: Teaching; Grammar; Methodologies.

Submetido em 17 de maio de 2026.

Aprovado em 6 de setembro de 2026.

Introdução

O ensino de gramática, há anos, no Brasil, é baseado em demarcar estruturas de orações e períodos, decorar nomes e funções, e priorizar, diversas vezes, a gramática normativa, desconsiderando o conhecimento prévio dos estudantes que são falantes nativos da língua portuguesa. Sob esse aspecto, Soares (2011) defende que é importante levar em consideração o conhecimento do aluno e suas variações linguísticas, sem deixar de instruí-los sobre a norma culta, pois ao invés de mudar a forma como eles falam no dia a dia, o papel do educador é ensiná-los a usar a norma padrão em situações em que esta seja a mais adequada, como, por exemplo, em uma reunião de trabalho, já que mudando a dinâmica do ensino o aluno não será preparado apenas para as provas e teste, mas para a vida em sociedade.

Por conseguinte, Soares (2011) aborda sobre a teoria do capital linguístico, colocando os determinantes sociais e econômicos como agentes que negam melhores possibilidades de soluções educacionais por conta da discriminação para com as camadas populares, ou seja, os textos utilizados na maioria das vezes estão fora da realidade dos estudantes, o que dificulta a aprendizagem e o interesse pelo assunto visto em sala de aula.

Freire (2002. p.27), destaca que “ensinar não é transferir conhecimento”, o professor deve sempre estar atento à sua tarefa de ensinar, e respeitar o conhecimento que os discentes já possuem. Torna-se importante que o professor exerça uma relação de respeito com as culturas e vivências dos alunos, aprendendo a usá-las no contexto escolar.

Assim, é essencial que se fale sobre a prática docente e sobre o ensino de gramática, entretanto deve-se tratar de outros assuntos que são relevantes para a educação, como os inúmeros problemas encontrados pelos docentes no ensino público, já que os professores têm carga horária excessiva, os livros didáticos trazem realidades que se diferem da realidade dos alunos além da infraestrutura precarizada das escolas. Desse modo, Antunes (2003. p.17) ressalta que “em nenhum momento, deixo de

reconhecer a falta de uma política pública de valorização do trabalho do professor, reduzido quase sempre à “tarefa de dar aula”, sem tempo para ler, para pesquisar, para estudar”.

A temática discutida ao longo do trabalho é importante no meio acadêmico para os futuros professores e profissionais da educação, pois apresenta a relevância de um ensino mais didático e que se aproxima da realidade do educando, abordando essas metodologias e avaliando seus resultados com o objetivo de construir uma educação de qualidade para os estudantes de diferentes realidades e/ou classes sociais. Ressalta-se que os profissionais da educação são agentes importantes no sistema de ensino, e por esse motivo essa pesquisa pretende ajudá-los procurando colaborar na execução de suas metodologias no contexto escolar.

Levando em consideração as vivências e experiências vistas em sala de aula na disciplina de estágio supervisionado I, analisando os problemas encontrados e já estabelecidos anteriormente no presente trabalho, a pergunta que norteia a investigação/pesquisa e que a proposta busca responder no decorrer deste artigo é: “Será que as metodologias que usam apenas a gramática normativa suprem as necessidades dos discentes nas aulas de língua portuguesa?”

Desse modo, este trabalho tem como objetivo geral: Comparar, em artigos selecionados, as metodologias utilizadas pelos docentes no contexto do ensino de gramática em diferentes situações de comunicação. E como objetivos específicos: (i) Analisar as metodologias de ensino apresentadas nos artigos utilizados para esta pesquisa; (ii) Verificar se o ensino de gramática priorizada pelo professor corresponde às necessidades dos discentes nas diferentes situações de comunicação. (iii). Refletir sobre as metodologias utilizadas no corpus da pesquisa para o atendimento das necessidades e interesses dos alunos, tornando-os comunicadores mais eficazes e confiantes.

Durante a experiência vivenciada no Estágio Supervisionado I evidenciou-se a necessidade de repensar o ensino da gramática e a prática docente, em face das dificuldades de aprendizado apresentadas pelos alunos. Essa constatação motivou a realização deste estudo.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que o ensino de gramática deve ser visto como um meio para alcançar um fim, que é o desenvolvimento da capacidade de comunicação e expressão. Ao tornar o aprendizado mais significativo e prazeroso, pode-se ajudar os alunos a se tornarem comunicadores mais eficazes e confiantes.

Por conseguinte, pensar um ensino fazendo uso da gramática da língua portuguesa como uma ferramenta para expressar ideias e experiências, tornando o aprendizado mais relevante, sem que os alunos se sintam pressionados ou isentos de conhecimento, pois eles têm suas vivências, seu modo de falar, sua cultura e isso não pode ser deixado de lado dentro da escola.

De acordo com Geraldi (2011) a língua é uma construção social e sua reprodução é feita no dia a dia, sendo assim o conhecimento de fala dos alunos e suas variações linguísticas devem ser aproveitados e usados no ensino. Portanto, a pesquisa aqui apresentada contribui significativamente para o campo acadêmico, uma vez que oferece subsídios para que os professores possam aprimorar suas práticas pedagógicas, tornando-as mais inovadoras e eficazes.

Diante disso, a pesquisa está dividida em quatro seções, além desta, a fim de facilitar a compreensão do estudo e foi estruturada da seguinte forma: Na primeira seção está a introdução que aborda a problemática, os objetivos, a justificativa e a relevância da pesquisa; Na segunda aborda-se o referencial teórico que se encontra dividido em quatro subseções explicando teorias de linguistas sobre as variações que a língua tem e o ensino da gramática na escola; Na terceira apresenta-se a metodologia de como a pesquisa se deu e que tipo de trabalhos foram analisados, a área, a linha e o tipo da pesquisa; Análise dos dados coletados para que se possa chegar aos objetivos desejados e Considerações Finais.

1. Referencial Teórico

1.1 Variações Linguísticas

Marcos Bagno (1999) reflete sobre as variações linguísticas que ocorrem no português brasileiro e como essas variações sofrem preconceito diante da gramática que é tida como um “instrumento de poder” e “controle”. Segundo Bagno (1999) a língua passou a depender da gramática, transformando os compêndios em livros sagrados.

Pensando nisso, pode-se ter uma percepção de que os livros didáticos são usados como um manual de como falar e escrever de forma “certa”, esquecendo que os alunos são falantes da língua, ou seja, aprenderam desde cedo uma língua e quando chegam no contexto escolar são ensinados que ela está errada e que devem falar e escrever de acordo com a linguagem padrão, no entanto, Bagno esclarece que:

É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada “artificial” e reprovando como “erradas” as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma (Bagno, 1999. p.52)

Bagno (1999) faz reflexões sobre as variações e se essas variações realmente são instrumentos de ascensão social, logo mostra que não, pois ninguém melhor que os professores para terem domínio da norma culta e mesmo assim tem seus trabalhos desvalorizados e recebem salários “obscenos” de tão baixos.

Além disso, Bagno (1999) afirma que é indicado aos professores que corrijam os alunos em relação a sua fala, aumentando assim situações preconceituosas, Geraldini (2011, p. 36) discorda dessa abordagem descrita por Bagno, ao afirmar que os professores devem “oportunizar aos seus alunos o domínio de outra forma de falar, o dialeto padrão, sem que signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família”.

O conceito de preconceito linguístico descrito por Bagno (1999), que o autor definiu como uma crença de que somente a língua portuguesa ensinada na escola, explicadas nas gramáticas e catalogadas nos dicionários é digna de ser chamada assim, e completa que as manifestações linguísticas que não estão dentro do triângulo “escola - gramática - dicionário” não são consideradas português (Bagno, 1999. p.40). Diante disso, lembra-se das injustiças sociais que ocorrem no país com as classes desfavorecidas simplesmente por não se ter o devido reconhecimento das variações linguísticas, por esse motivo:

É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o reconhecimento (sem o tradicional julgamento de valor) da variação linguística, porque o mero domínio da norma culta não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. É preciso favorecer esse reconhecimento, mas também garantir o acesso à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito. (Bagno, 1999. p.70-71)

Por conta do preconceito linguístico os brasileiros acreditam que não sabem falar português corretamente, sendo eles os falantes da língua, é importante se ter o conhecimento das regras gramaticais, mas não se deve esquecer que a língua portuguesa é uma língua viva e passa por constantes mudanças.

Surgem novas palavras e algumas entram em desuso. Por isso, ao decorrer de seu livro Bagno (1999), mostra algumas obras e autores que vão contra essas variações, trazendo termos usados nas obras para se referir aos falantes da língua como “caipiras” e “matutos”. Bagno em um trecho de seu livro defende as variações com a seguinte declaração:

Mas não é porque somos “caipiras”, “jecas-tatus”, “matutos” ou “tabaréus”. É porque a língua muda com o tempo, segue seu curso, transforma-se. Afinal, se não fosse desse modo, ainda estaríamos falando latim... Na verdade,

falamos latim, um latim que sofreu tantas transformações que deixou de ser latim e passou a ser português. Da mesma forma, o português do Brasil — queiram os gramáticos ou não — também está se transformando, e um dia, daqui a alguns séculos, será uma língua diferente da falada em Portugal — mais diferente do que já é... (Bagno, 1999. p. 98)

Dessa forma, é imprescindível que se fale sobre como essas variações são importantes para a construção do português brasileiro e de como a língua falada não pode ser classificada como “errada” comparada à língua escrita principalmente na escola, onde as crianças estão no seu processo de amadurecimento e aprendizado.

Segundo Bagno (1999), precisa-se rever a relação de língua escrita e língua falada no processo de ensino e ainda ressalta que mais de dois mil anos foram dedicados somente aos estudos gramaticais da língua escrita, literária formal e que somente no início do século XX que a língua falada começou a ser estudada e teve seu reconhecimento como objeto científico da ciência linguística.

1.2 A linguagem coloquial e a linguagem padrão: O uso e o ensino descritos por Perini

Mário A. Perini (2004) explica a gramática descritiva como o estudo dos conjuntos de regras analisando também a língua falada, suas regularidades em diversos contextos geográficos e sociais. De acordo com o linguista, um dos principais problemas ao descrever uma gramática é definir a língua que será utilizada, neste caso o português. Com isso, a “língua portuguesa” pode ser interpretada de diversas maneiras, podendo haver diferenças entre a forma falada e a forma escrita de um texto, infelizmente essas diferenças transformam-se em dificuldades no ensino da leitura, da escrita e até da própria gramática.

Perini (2004), afirma ainda que qualquer pessoa é capaz de modificar sua fala de acordo com o cenário em que ela se encontra, ou seja, usa-se uma linguagem em uma entrevista de emprego, por exemplo, e outra em um ambiente informal. É importante destacar que o autor diz que tanto a língua considerada padrão quanto a língua coloquial necessitam de situações específicas para serem utilizadas, destacando sempre a norma padrão para o uso da escrita, segundo o autor:

Imagine-se, por exemplo, a situação em que uma pessoa escreve um compêndio de economia e utiliza uma linguagem próxima da coloquial [...] O texto vai chocar os leitores. Mesmo que o autor tenha uma mensagem inteligente a dar, é possível que ela fique perdida para muitas pessoas, simplesmente porque o compêndio não se adequa às convenções linguísticas vigentes (Perini, 2004, p.24)

Por conseguinte, destaca-se ainda que o português padrão não deve ser usado em qualquer situação, pois:

A mensagem será interpretada como uma brincadeira. Mas, se a pessoa insistir em continuar falando dessa maneira (ou, pior, se resolver falar assim a vida toda), vai acabar sendo excluída da maioria de seus círculos de amizade [...] mas convenções sociais são coisas muito poderosas. Todos nós sabemos disso muito bem — tanto assim que estamos sempre ajustando nossa linguagem a cada situação (Perini, 2004. p.24-25)

Concluir, portanto, que existe uma variedade absolutamente correta é inadequado, sendo que os diferentes tipos de linguagem devem se adaptar em situações e cenários específicos, para haver sempre um bom entendimento entre os integrantes do meio social em que o falante se encontra.

Após os esclarecimentos feitos acima sobre a norma padrão da língua e o coloquialismo, Perini (2004) evidencia o ensino da gramática, defendendo o posicionamento de que os estudos gramaticais não são a forma mais eficaz de se ensinar a ler e a escrever, o escritor afirma que ninguém conseguiu levar um aluno fraco em leitura ou em redação a melhorar significativamente seu desempenho por meio de instruções gramaticais, eles precisam de experiências, habilidade de leitura e razoavelmente um domínio da língua padrão, sendo este o objetivo das gramáticas disponíveis.

No entanto, o autor não desconsidera a importância da gramática, afirma que ela tem um papel fundamental na formação intelectual dos discentes, e analisa os componentes de formação:

Quadro 1 - Quadro elaborado pelas autoras deste artigo com os componentes de formação de acordo com Perini (2004), p. 28-29.

(a) Componente de aplicação imediata	Trata-se de conhecimentos que serão imediatamente úteis na vida profissional ou cotidiana dos alunos. Por exemplo, é preciso aprender as quatro operações para saber dar e receber o troco correto; é preciso ler fluentemente para adquirir as informações necessárias etc.
(b) Componente “cultural”	Trata-se de conhecimentos sem nenhuma aplicação visível à vida prática, mas que nossa sociedade considera essenciais à formação do indivíduo. Por exemplo, aprendemos na escola que a Terra gira em torno do Sol, e não vice-versa. Essa informação não tem importância prática, mas todos concordariam que precisa ser fornecida.

(c) Componente de formação de habilidades	Finalmente, o ensino tem também a responsabilidade de desenvolver nos alunos habilidades intelectuais de observação e raciocínio.
---	---

Fonte: Perini, 2004.

Para Perini (2004) nos componentes (a) e (b) a importância da gramática é reduzida, pois os ensinamentos adquiridos em (a) viriam antes dos estudos gramaticais, pois para aprender gramática antes precisa-se ter o mínimo de saberes no âmbito da leitura e da escrita; e no componente (b) conhecer a língua e linguagem é uma faceta importante do conhecimento da própria nação, porém também conta com o ensino dialetológicos, históricos e sociais. Por fim, sobre o componente (c) Perini (2004) afirma:

[...] justamente neste setor que o estudo de gramática pode dar sua contribuição mais relevante; e é neste setor que nosso sistema educacional se tem mostrado particularmente falho: se há algo que nossos alunos em geral não desenvolvem durante sua vida escolar é exatamente a independência de pensamento. O estudante brasileiro (e, muitas vezes, também o professor) é tipicamente dependente, submisso à autoridade acadêmica, convencido de que a verdade se encontra, pronta e acabada, nos livros e na cabeça das sumidades. (Perini, 2004. p.31)

O autor reafirma que não desconsidera o ensino da gramática, sendo um instrumento de formação científica, e que possibilita interpretação e compreensão de aspectos sociais. Logo, para o linguista, a educação deve ser primeiramente uma busca pelo conhecimento e desenvolvimento de habilidades.

Ainda, deixa explícito que a gramática não deveria ser um instrumento de ensino normativo, que impõe algo, e que é considerada uma doutrina de verdades absolutas, sendo somente ela vista como o “correto”. Sendo assim, Perini (2004) diz que é preciso colocar o ensino de gramática em termos mais realistas e que ele não deve ser suprimido.

Dessa forma, fica explícito que o posicionamento de Perini (2004), que não é contra o português padrão, mas de que existem situações em que se podem usar as variações que estão presentes na sociedade, sem discriminações e sem abandonar a linguagem padrão, por meio da adequação do contexto de fala.

1.3 O ensino de gramática

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) destaca para os profissionais da educação que trabalham com os anos finais do ensino fundamental, a seguinte orientação:

Os conhecimentos sobre a língua, as demais semioses e a norma-padrão não devem ser tomados como uma lista de conteúdos dissociados das práticas de linguagem, mas como propiciadores de reflexão a respeito do funcionamento da língua no contexto dessas práticas. A seleção de habilidades na BNCC está relacionada com aqueles conhecimentos fundamentais para que o estudante possa apropriar-se do sistema linguístico que organiza o português brasileiro. (BRASIL, 2018. p.141)

Dessa forma, destaca-se que o ensino da gramática deve contribuir para a reflexão, o pensamento crítico e com as habilidades de comunicação, para que se possa haver uma linguagem de uso efetivo na prática.

Antunes (2003) analisa e relata sobre a prática docente nas aulas de língua portuguesa, destacando o trabalho com a gramática e de que maneira deveria ser abordada pelos professores. Antunes critica as atuais metodologias usadas pelos professores que a própria escola acaba por impor ao educador.

A doutora em linguística destaca que apenas o ensino de uma gramática normativa nas aulas de português não é o suficiente para a formação de estudantes críticos, participativos na sociedade, bons leitores e intérpretes de textos essenciais para a comunicação no meio social.

Embora não se possa generalizá-la, já está na boca de muitos a crítica de que a escola não estimula a formação de leitores, não deixa os alunos capazes de ler e entender manuais, relatórios, códigos, instruções, poemas, crônicas, resumos, gráficos, tabelas, artigos, editoriais e muitos outros materiais escritos. (Antunes, 2003. p.15)

Outrossim, a autora deixa claro o seu posicionamento a respeito da falta de políticas públicas que valorizem o trabalho do profissional da educação no que tange os métodos de ensino, Antunes (2003) declara que:

Vale a pena deixar bem claro que, em nenhum momento, deixo de reconhecer a falta de uma política pública de valorização do trabalho do professor, reduzido, quase sempre, à "tarefa de dar aulas", sem tempo para ler, para pesquisar, para estudar. "Passando" e "repassando" pontos do programa, para depois "cobrar" no dia da prova, no cenário nada convidativo (e muito menos poético!) de prédios descorados e tristes: o que significa dizer que o professor não é o único responsável por todos os problemas da escola. (Antunes, 2003. p.17)

Antunes (2007) apresenta 5 diferentes conceitos de gramática sendo, segundo a autora: “gramática internalizada” que corresponde aos conhecimentos que o falante possui; “gramática da norma culta”, ou seja, as regras do funcionamento da língua; “a gramática gerativa”, “estruturalista”, “funcionalista” ou “tradicional”, essas são correspondentes aos estudos que se fazem sobre a linguagem e sua história; “a gramática das aulas de português”, ou “gramática como disciplina escolar” (Antunes 2007.p.25) e por fim, “a gramática descritiva-normativa” que a autora afirma ser:

[...] Em geral, essa gramática pode adotar uma perspectiva mais descritiva ou mais prescritiva.

No primeiro caso, temos uma gramática que focaliza elementos da estrutura da língua, descrevendo-os apenas ou apresentando-os em suas especificidades. No segundo caso, temos uma gramática que focaliza as hipóteses do uso considerado padrão, fixando-se, assim, no conjunto de regras que marcam o que se considera como uso correto da língua. (Antunes, 2007. p. 33)

Por conseguinte, Antunes (2010) destaca o fato de que toda língua possuir uma gramática, porém, isso não significa dizer que todo falante sabe essas regras, entretanto ele as usa implicitamente, ou seja, desde os primeiros contatos com a língua os falantes aprendem a se comunicar de maneira que essa comunicação seja entendida pelas outras pessoas falantes da mesma língua, usando sujeito, verbo e predicado em sua ordem correta dentro de uma frase, porém não sabem a nomenclatura dessas classes de palavras.

Geraldi (2011) afirma que há uma diferença entre saber “analisar uma língua” dominando seus conceitos, apresentando suas características estruturais, e saber “a língua”, tendo habilidades com o uso em situações reais de comunicação, entendendo os enunciados, ou seja, saber falar uma língua não implica em saber as regras gramaticais dela.

De acordo com Antunes (2010), atualmente o que a escola tem buscado é apenas fazer com que o aluno decore nomenclaturas, “o que centraliza esse ensino é saber rotular, saber reconhecer e dar nome às coisas da língua” (Antunes, 2010, p.87). Por conseguinte, afirma que a gramática existe em função da prática social do uso de determinada língua, neste caso o português, e que a escola muitas vezes não leva isso em consideração. Desse modo, ensinar a gramática é importante, mas de que maneira ela deve ser ensinada?

Antunes (2003) traz esse questionamento, e para responder, evidencia dois cuidados que devem ser tomados ao ensinar gramática na sala de aula. Para a autora, primeiramente, é necessário ensinar uma gramática que seja relevante, ou seja, com noções que sejam aplicáveis aos usos sociais da língua. E por conseguinte, ensinar uma gramática que seja funcional e suas aplicações em diferentes gêneros, privilegiando o funcionamento efetivo da língua, que segundo a escritora “acontece não através de palavras e frases soltas, mas apenas mediante a condição do texto” (Antunes, 2003. P.97)

Em concordância com o posicionamento de Antunes (2003), Geraldi (2011) afirma que a atual situação do ensino de língua portuguesa não deve passar apenas por

uma mudança na metodologia, mas também por uma mudança nos conteúdos a serem aplicados.

Diante disso, é pertinente citar a opinião da autora Stella Maris Bortoni de Figueiredo Ricardo a respeito do ensino da gramática no ensino fundamental, pois a especialista em sociolinguística concorda com Antunes (2003) e Geraldi (2011) ao afirmar que o ensino está voltado para as questões de nomenclatura gramatical, em uma entrevista que deu para a revista *Língua e Letras* no ano de 2012.

Ainda durante a entrevista, ao ser questionada sobre seu posicionamento acerca do assunto, afirma que não é a favor de “um ensino de gramática em lugar de ensinar um uso efetivo da língua no processo de leitura, no processo de produção de texto, no processo de análise da língua” Stella (2012). E assim como Antunes (2003) e Geraldi (2011), Stella não acredita que o ensino da gramática deve ser excluído, pois segundo ela, essa é de suma importância para a formação.

1.4 As três teorias e o Bidialectalismo de Magda Soares

Soares (2011) evidencia uma reflexão sobre três teorias que são: da deficiência linguística, das diferenças linguísticas e do capital linguístico escolarmente rentável. Essas teorias estão ligadas diretamente ao tema central deste trabalho, pois se relacionam com as dificuldades encontradas nas escolas públicas. Sendo que as duas primeiras, segundo a autora, dão a escola a responsabilidade de educar (adaptar) o aluno para o convívio em sociedade; já a terceira teoria, do capital linguístico escolarmente rentável, destaca que as estruturas das classes sociais (socioeconômicos) são determinantes na relação de forças linguísticas.

As três teorias concordam que existe uma distância entre a linguagem dos indivíduos de classes sociais mais favorecidas e a dos indivíduos pertencentes às camadas populares. A autora destaca que desde a conquista das camadas populares por educação não houve uma mudança dos objetivos e funções da escola, essas mudanças seriam essenciais, pois é evidente que há uma distância cultural e linguística entre os alunos de baixa renda e os estudantes das classes favorecidas. Os textos usados em alguns livros didáticos, por exemplo, muitas vezes, não fazem alusões à realidade vivida pelos discentes de escolas públicas.

A teoria das diferenças linguísticas propõe o uso de um Bidialectalismo funcional, que se trata da coexistência de dois dialetos, nesse caso a gramática padrão e o

português coloquial, ou seja, manter o conhecimento linguístico que os estudantes já têm, sem deixar de ensinar a norma culta. Desse modo será possível instrumentalizar os educandos para que usem o padrão em situações realmente necessárias, na escrita de trabalhos e outros textos, apresentação e possíveis situações futuras, e não impondo uma maneira correta de falar no dia a dia.

Por acreditar que somente a gramática normativa é a correta, pelo preconceito linguístico internalizado, tem-se o impedimento da compreensão dos problemas de linguagem que as classes populares encontram na escola, resultando em metodologias pouco eficazes de ensino (Soares, 2011).

[...] a escola, ao negar às classes populares o uso de sua própria linguagem (que censura e rejeita), ao mesmo tempo que fracassa em levá-las ao domínio da linguagem de prestígio, está cumprindo seu papel de manter as discriminações e a marginalização e, portanto, de reproduzir as desigualdades. (Soares, 2011. p.54)

Em síntese a autora enfatiza que uma escola consciente de seus deveres na luta contra a desigualdade social e econômica, possibilita o contato dos discentes das camadas populares com instrumentos que os ajudaram na conquista de melhores condições sociais, possibilitando maior participação cultural e política. De acordo com Soares (2011) a escola transformadora (consciente) trabalhará não só com um Bidialetalismo funcional, mas com um Bidialetalismo para a transformação.

2. Metodologia

A presente pesquisa configura-se como bibliográfica e qualitativa, bem como se estabelece na área da linguística aplicada, pois busca soluções para um problema recorrente na aplicabilidade da linguagem no cotidiano: “Será que as metodologias que usam apenas a gramática normativa suprem as necessidades dos discentes nas aulas de língua portuguesa?”. Ao considerar a problemática apresentada, o enfoque do assunto trata especialmente de questões envolvendo a escrita e a fala, estabelecendo assim a linha da pesquisa como teoria e análise linguística.

Para alcançar possíveis respostas referentes à pergunta direcionadora deste artigo, tornou-se necessário organizar os procedimentos metodológicos nos seguintes passos:

I. Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi escolhida, pois de acordo com Marconi e Lakatos (2010), “é realizada com base em fontes disponíveis, como documentos impressos, artigos científicos, livros, teses, dissertações” (Marconi e Lakatos, 2010, p. 32),

permitindo que se possa consultar fontes, seguindo o critério de que os trabalhos se relacionem com o tema, focando em uma abordagem qualitativa pois:

Isto significa, por um lado, que ela compreende atividades de investigação que podem ser denominadas específicas. E, por outro, que todas elas podem ser caracterizadas por traços comuns. Esta é uma ideia fundamental que pode ajudar a ter uma visão mais clara do que pode chegar a realizar um pesquisador que tem por objetivo atingir uma interpretação da realidade do ângulo qualitativo. (Triviños, 1987, p. 120)

II. Base de dados e tipos de trabalhos pesquisados:

Foram utilizados teorias, críticas e pensamentos dos livros de autores influentes no âmbito da linguística, a exemplo de professores, doutores, pesquisadores e letrólogos renomados no campo de letras, língua portuguesa, são eles: Marcos Bagno (1999), Magda Soares (2011), Irandé Antunes (2003) e (2007), Wanderley Geraldi (2011) e Mário A. Perini (2004).

Além dos autores citados acima, também foram utilizadas cinco pesquisas voltadas para a mesma problemática envolvendo a gramática e a língua em uso no cotidiano, esses trabalhos são especificamente artigos da área da linguística que estão ligados diretamente por serem a favor da mudança nas metodologias de ensino da gramática normativa, tais pesquisas serão apontadas a seguir na linha temporal e descritas mais detalhadamente na análise de dados deste trabalho.

III. Linha temporal:

Para se chegar aos objetivos e resultados desejados do presente trabalho foram selecionadas pesquisas relacionadas ao assunto em um contexto considerado atual no meio acadêmico e científico, os artigos datam do período de 2018 a 2023, sendo:

“Um olhar sobre a prática docente na educação básica: Que Língua é ensinada na escola?” de Silva (2018); “Ensino de gramática na escola: Reflexões sobre um caminho” de Almeida (2019); “O ensino de gramática pela leitura: Perspectivas e contradições” de Fernandes (2022); “Proposta de atividade epilinguística para o ensino de concordância verbal” de Lopes e Custódio (2023) e “Diagnóstico do ensino de análise linguística no 9 ano do ensino fundamental na escola Maria Pereira Da Silva em Itaituba-PA” de Gomes (2023).

A seleção dos artigos seguiu os seguintes critérios: O ano da pesquisa, que deve ser de um contexto considerado atual (2018 - 2023); as metodologias utilizadas pelos autores, como por exemplo o referencial teórico e o contexto da pesquisa; e por tratarem

sobre o ensino de gramática nas aulas de língua portuguesa no ensino fundamental, em contextos diferentes (cidades).

Nesse sentido, é possível observar que a problemática com o ensino da língua portuguesa e/ou gramática é um tema atual e importante principalmente para os profissionais da educação.

IV. Resultados:

Por conseguinte, a metodologia de pesquisa supracitada foi escolhida com o intuito de alcançar os objetivos preestabelecidos do presente trabalho, cujos resultados alcançados direcionam-se aos docentes, futuros docentes, e aos profissionais empenhados em trabalhar com uma educação mais ativa na vida do educando.

V. Análise:

A análise dos dados bibliográficos coletados se deu de forma qualitativa, tendo como parâmetro as teorias dos linguistas e professores pesquisadores da área que concordam de forma direta que o ensino precisa de mudanças. Os dados utilizados para o desenvolvimento desta pesquisa são descritos mais detalhadamente na próxima seção.

3. Análise dos dados

Com base no aporte teórico-metodológico citado anteriormente, foi possível organizar os dados qualitativos desta pesquisa considerando os pontos de destaque que podem ser verificados no quadro referente aos trabalhos analisados e suas respectivas metodologias, o qual está disposto a seguir:

Quadro 2: Elaborado pelas autoras deste artigo com os trabalhos analisados e suas respectivas metodologias

Autores	Ano	Título	Metodologia Utilizada
1- Silva	2018	UM OLHAR SOBRE A PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA: QUE LÍNGUA É ENSINADA EM SALA DE AULA? (Texto 1)	• Tipo de pesquisa: pesquisa de campo e bibliográfica; • Local: Escola da rede pública da cidade de Arapiraca AL; • Contexto: Estágio supervisionado 1, 2 e 3; • Instrumentos: entrevistas no campo de estágio e análise bibliográfica; • Análise de dados: Foram analisados os dados coletados nas entrevistas durante o estágio supervisionado e dados bibliográficos selecionados por Silva (2018).

2- Almeida	2019	ENSINO DE GRAMÁTICA NA ESCOLA: REFLEXÕES SOBRE UM CAMINHO. (Texto 2)	•Tipo de pesquisa: pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo; •Local: Instituto Federal de educação, ciências e tecnologia do Rio de Janeiro (IFPA); •Contexto: Ensino de gramática na educação básica e sua importância; •Instrumentos: análise bibliográfica; •Análise de dados: Através dos dados dos textos selecionados foi desenvolvida uma atividade que possibilita que os alunos percebam a maneira adequada de usar os pronomes, além de incentivar a leitura e a produção textual.
3-Fernandes	2022	O ENSINO DE GRAMÁTICA PELA LEITURA: PERSPECTIVAS E CONTRADIÇÕES. (Texto 3)	•Tipo de pesquisa: pesquisa bibliográfica com natureza qualitativa; •Local: Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras; •Contexto: Relação do ensino de gramática na formação de leitores fluentes no ensino fundamental II; •Instrumentos: análise bibliográfica; •Análise de dados: Através dos textos do referencial teórico, o autor focou na consciência metalinguística, onde concluiu que as atividades nas aulas de língua portuguesa devem conter situações reais do cotidiano do aluno.
4- Lopes e Custódio	2023	PROPOSTA DE ATIVIDADE EPILOGUÍSTICA PARA O ENSINO DE CONCORDÂNCIA VERBAL. (Texto 4)	• Tipo de pesquisa: pesquisa bibliográfica com enfoque qualitativo; - Local: Montes Claros, Minas Gerais; •Contexto: Ensino de língua Portuguesa; •Instrumentos: análise bibliográfica; •Análise de dados: Teve seu foco nas práticas de linguagem nas salas de aula, com uma abordagem epilinguística, onde foram consideradas as variações

			linguísticas dos estudantes e o uso de recursos em atividades como a análise de trechos do livro de Harry Potter e a Ordem da Fênix.
5- Gomes	2023	DIAGNÓSTICO DO ENSINO DE ANÁLISE LINGUÍSTICA NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MARIA PEREIRA DA SILVA EM ITAITUBA-PA. (Texto 5)	• Tipo de pesquisa: pesquisa de campo e bibliográfica de cunho qualitativo; • Local: Escola EMEF Maria Pereira da Silva localizada em Itaituba no Pará na zona de garimpo chamada de Crepuizinho; • Contexto: busca a campo no 9º ano do ensino fundamental; • Instrumentos: Observação e análise no campo da pesquisa; • Análise de dados: Para alcançar os resultados esperados foram analisados os dados coletados no campo de pesquisa, fazendo uma comparação com o aporte teórico selecionado por Gomes (2023).

Fonte: Silva, 2018; Almeida, 2019; Fernandes, 2022; Lopes e Custódio, 2023; Gomes, 2023.

Diante da leitura dos textos apresentados acima e da verificação de suas metodologias, foi possível identificar semelhanças com as teorias dos autores selecionados no referencial teórico da presente pesquisa e analisar os dados coletados para se alcançar os objetivos e responder à pergunta direcionadora do trabalho.

Observa-se no texto 1 de Silva (2018), que foram utilizadas tanto a pesquisa de campo quanto a pesquisa bibliográfica para o desenvolvimento do texto, de maneira qualitativa. Para a pesquisa bibliográfica Silva (2018) utilizou as teorias de pesquisadores renomados na área da linguística como Marcos Bagno (2001), Bakhtin (2003), Machado (2000), Antunes (2003) e (2007), Perini (2010), Martelotta (2011), entre outros que concordam de maneira direta ou indireta com o pensamento de que o ensino precisa ser voltado para a língua em uso.

Já a pesquisa de campo foi desenvolvida em uma escola pública de Ensino Fundamental e Médio, na cidade de Arapiraca, durante as experiências de estágio supervisionado da autora para o curso de licenciatura em Letras Língua Portuguesa. Na ocasião, foram entrevistadas quatro professoras que se mostraram muito preocupadas com a forma que o ensino de gramática acontecia, destacam que a maioria dos textos, utilizados em sala de aula, não são autênticos, e não trabalham a língua em uso, entretanto, segundo Silva (2018), as profissionais entrevistadas durante a pesquisa não

colocam em prática metodologias voltadas para a língua em uso. Essa situação pode acontecer por falta de tempo para as professoras elaborarem novas metodologias de ensino, já que, na maioria das escolas públicas a carga horária do professor é extensa e cansativa.

Essas conclusões corroboram com as afirmações de Antunes (2003. p.29), que propõem um ensino de gramática funcional que, segundo ela, é uma gramática voltada para o uso efetivo da língua, e que é adquirida por intermédio de textos, e não de palavras e frases soltas. O texto de Silva (2018) apresenta uma análise sobre o ensino da gramática que utiliza a língua em uso, tendo como parâmetro as teorias aprendidas no curso de Letras e as experiências no campo de estágio e observações. O trabalho defende que a prática se difere da teoria e busca refletir e questionar as metodologias utilizadas e pensar em métodos de ensino mais eficazes.

No texto 2, Almeida (2019) utilizou a pesquisa bibliográfica, com caráter qualitativo, tendo como embasamento teórico Geraldi (1984); Luft (1985); Neves (2018) [1990], sendo designados para tratar de questões relacionadas ao ensino da língua, já Brasil (1998, 2002, 2018) foram escolhidos pelo autor para se buscar meios de como superar os percalços encontrados no ensino básico, Antunes (2003); (Santos; Riche; Teixeira, 2013) e Gombert (1992) também foram selecionados para a trabalho analisado.

O trabalho selecionado propõe a reflexão de como o ensino de gramática pode ter influência para que os alunos se tornem leitores fluentes, para isso a pesquisadora analisou teorias e metodologias utilizadas no ensino gramatical de alunos do Ensino Fundamental II, tendo como objetivo encontrar meios para que o ensino de gramática e leitura se integrem, assim permitindo a mudança na forma tradicional que a língua costuma ser ensinada, se prendendo apenas às regras gramaticais, buscando fortalecer a proposta de que os conhecimentos atribuídos através da gramática podem contribuir para que os alunos se tornem leitores fluentes.

Almeida (2019) propôs uma atividade que permitisse a integração da gramática e da leitura para alunos do 8º ano do ensino fundamental II, essa proposta tem o objetivo de fazer com que os pronomes sejam analisados e de como podem referenciar na produção de textos. A autora dividiu a atividade em algumas etapas, incluindo a identificação das modificações que foram feitas no texto, depois os estudantes fazem um resumo de um trecho do texto, usando pronomes, após isso, serão substituídas algumas expressões e até nomes, sempre mantendo a coesão textual, logo em seguida os

alunos fazem uma atividade na qual eles precisam preencher as lacunas com elementos coesivos, assim são capazes de visualizar a localização de cada pronome. É possível constatar que através dessa atividade os alunos entendem a importância de usar os pronomes de maneira adequada.

O texto 3, de Fernandes (2022) trata de uma pesquisa bibliográfica com natureza qualitativa, que busca possibilidades no ensino de gramática para alunos do ensino fundamental II, com ênfase na união da gramática e da leitura. Para isso a autora selecionou alguns textos tendo como principais: Antunes (2003) e (2007); Bagno (2000); BRASIL (1998) e (2017); Junqueira (2003) Geraldi (2002) Perini (2000) Soares (2015). Principalmente.

O autor desenvolveu esta pesquisa focando na consciência metalinguística e seu desenvolvimento no que concerne as aulas de língua portuguesa na educação básica, pois com consciência metalinguística se tem a possibilidade de deslocamento do foco tradicional da língua (o ensino prescritivo e descritivo) e passe a focar no estudante, que como defende Soares (2011) os alunos têm sua importância, seus conhecimentos linguísticos que não podem ser deixados de lado, mas, a autora enfatiza a importância de se ensinar a norma culta. Fernandes (2022) expõe que dessa forma os conteúdos deixam de ser a questão primordial, focando nos conhecimentos e processos realizados e construídos pelo aluno para realizar as tarefas.

O texto em questão trouxe como proposta, atividades que tragam situações que os alunos veem em seu cotidiano para que possam desenvolver sua reflexão metalinguística, e assim por meio do uso de sua própria linguagem consigam discutir sobre esses assuntos de maneira consciente, além de diferenciar as formas de uso da língua.

O texto 4 de Lopes e Custódio (2023), intitulado de “Proposta de Atividade Epilinguística para o Ensino De Concordância Verbal”, desenvolveu-se através de pesquisa bibliográfica com enfoque qualitativo fundamentando-se na Base Nacional Comum Curricular (2018), nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), e nas teorias de Antunes (2007), Bagno (2015), Cyranka (2015), Cunha (2013), Neves (2019), Lopes (2023) entre outros. Dessa forma, o objetivo principal do artigo é contribuir com o trabalho dos professores e com desenvolvimento de um ensino de gramática mais inclusivo que valorize a linguagem dos alunos, além de propor uma atividade epilinguística para o ensino da concordância verbal.

A atividade proposta abordava questões nas quais o aluno analisa trechos do livro *Harry Potter e a Ordem da Fênix* e em seguida responde algumas perguntas ou preenche alternativas sobre a concordância verbal nas passagens do livro, que contém um tema interessante para os estudantes e mantém a atenção do aluno com uma linguagem acessível. Os autores afirmam:

A atividade foi produzida com o objetivo de dar continuidade à missão de ressignificar às aulas de gramática da língua portuguesa, as quais, estantes, por não valorizar a realidade linguística que preenche as salas de aula, não têm demonstrado a razão de ocupar seu espaço nas escolas brasileiras. (Lopes e Custódio, 2023, p.19)

Observa-se, portanto, ao analisar a atividade proposta por Lopes e Custódio (2023) uma evidência das teorias e análises de Perini (2005), pois o linguista ao falar da gramática descritiva, a qual propõe, que o ensino desta é voltado para a língua falada e escrita no cotidiano em contextos diversos.

O quinto trabalho trata de uma análise do ensino da gramática no 9º ano do fundamental realizada na escola EMEF Maria Pereira da Silva localizada em Itaituba no Pará na zona de garimpo chamada de Crepuizinho. O objetivo era observar de que maneira a gramática é ensinada aos alunos através da pesquisa de campo e de dados bibliográficos, sendo realizada de modo qualitativo, baseando-se em autores como Antunes (2003), Freire (1996), Oliveira (2010), Passeggi (2018):

Gomes (2023) destaca um ponto importante:

Cabe destacar que as instituições de ensino das zonas rurais sofrem um preconceito muito grande, uma vez que são associadas a “atrasos” em aspectos econômicos, estruturais e sociais. Passeggi, Nascimento e Oliveira (2016, p, 8) também entendem que existe esse preconceito e discorrem que: “A educação escolar na zona rural do Brasil está permeada por estigmas resultantes de uma percepção tradicional do território rural como lugar de atraso, desqualificado, com poucas possibilidades de desenvolvimento econômico e cultural (Gomes, 2023, p.13)

Essa afirmação no trabalho de Gomes (2023), concorda com a teoria de Soares (2011), do capital linguístico escolarmente rentável, mencionada na presente pesquisa, pois destaca “que as estruturas das classes sociais (socioeconômicos) são determinantes na relação de forças linguísticas.”

Ao decorrer do trabalho o autor enfatiza que a gramática trabalhada na sala de aula é focada em nomenclaturas e ortográficas, ou seja, há uma cobrança que os alunos decorem essas regras com atividades metalinguísticas que os fazem pensar que eles não sabem português. Este ponto evidencia a afirmação de Antunes (2003, p.87), já citada

nesta pesquisa, “o que centraliza esse ensino é saber rotular, saber reconhecer e dar nome às coisas da língua”.

Diante do exposto, respondendo à pergunta norteadora “Será que as metodologias que usam apenas a gramática normativa suprem as necessidades dos discentes nas aulas de língua portuguesa?”, entende-se que a gramática normativa não deve ser descartada, mas sim complementada por outras abordagens, assim como foi visto nos 5 artigos analisados. O ensino da língua deve ter como objetivo desenvolver a competência comunicativa dos alunos, ou seja, a capacidade de usar a língua de forma eficaz em diferentes situações.

Considerações Finais

Diante do exposto, no decorrer deste artigo de conclusão de curso, foi possível alcançar os objetivos propostos, considerando as diferentes abordagens dos problemas relacionados com o preconceito linguístico no ensino, referente à imposição de uma forma de falar que seja considerada totalmente e absolutamente “correta”.

Dessa forma, foram identificados alguns problemas relacionados com o ensino da gramática normativa: métodos de ensinos que fazem com que os alunos decorem as nomenclaturas; a correção da forma de falar dos estudantes que é “taxada” como “errônea” os fazendo pensar que não sabem português; a falta de utilização de textos com enunciados que mostram situações reais do cotidiano do estudante; a carência de investimentos em escolas públicas e o preconceito que elas sofrem; além da carga horária excessiva dos professores que ficam sem tempo para pesquisar e estudar novas metodologias de ensino; e as aulas de língua portuguesa sendo vistas como aulas que não possibilitam que o aluno seja um agente ativo na sociedade.

Pode-se considerar que o ensino da gramática realizado em sala de aula, atualmente é baseado em pedir aos alunos que observem as regras repassadas a eles pelo professor e depois resolvam questões sobre as regras analisando textos, muitas vezes frases soltas, que estão fora da realidade do estudante e na maioria das vezes essas metodologias preparam o aluno para uma prova no final do semestre e não para a vida em sociedade, como foi visto em alguns dos trabalhos selecionados para a presente análise.

Os problemas identificados afetam os estudantes de várias formas, podendo ser tanto na vida acadêmica quanto fora dela. Ao sofrer com o preconceito linguístico, por exemplo, o aluno pode entender que a forma que seus familiares ou amigos, e até ele

próprio se expressa, foge dos padrões postos pela gramática normativa, podendo-se reproduzir esse preconceito nas ruas ou em casa, ou até mesmo virar motivo de “piadas” em seu ciclo social ao tentar falar totalmente dentro do padrão, como destaca Perini (2005). Na vida acadêmica, o problema em “decorar” as nomenclaturas da gramática normativa é óbvio, o estudante não aprende, logo não lembra a longo prazo a aula que teve.

Diante das análises dos artigos, foi possível observar que as aulas de gramática deveriam apresentar textos que estejam dentro da realidade dos alunos, e o ensino deve levar em consideração o conhecimento prévio do aluno e seu contexto social e cultural, pois eles também sabem português, sem deixar de ensinar a norma de prestígio para que se tenha um Bidialetalismo funcional como o citado por Soares (2011). Há também, a necessidade da valorização do trabalho do professor, como destaca Antunes (2003).

Considera-se, portanto, a necessidade de mudanças no ensino da gramática que, respondendo a pergunta direcionadora, não supre as necessidades dos estudantes que além de sofrerem com preconceito linguístico, não aprendem de fato a norma de prestígio para usá-la em situações em que realmente essas se tornam necessária. É evidente que a norma de prestígio é fundamental, mas ela não é, nem nunca foi a única forma de falar português.

Referências

ALMEIDA, Marcus Vinicius Brotto de. **Ensino de gramática na escola: reflexões sobre um caminho**. In: SANTOS, Adriano Oliveira; ALMEIDA, Marcus Vinicius Brotto de (Orgs.). Coletânea de textos do I SEL Simpósio de ensino de linguagens: línguas e literaturas na educação básica. São Gonçalo: IFRJ, 2019. p. 102-123.

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Muito além da gramática**. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: edições Loyola, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018

FERNANDES, Juliana Silva. **O ensino de gramática pela leitura: perspectivas e contradições**. Monografia de especialização apresentada à Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de

Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Texto. Belo Horizonte, 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2011.

GOMES DA LUZ, Jorgeleno. **Diagnóstico do ensino de análise linguística no 9º ano do ensino fundamental na escola Maria Pereira da Silva em Itaituba-PA**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação do Campo) – Universidade Federal do Pará, Altamira, PA, 2023.

LOPES, Gustavo Henrique Viana; FILHO, Valdinar Custódio. **Proposta de atividade epilinguística para o ensino de concordância verbal**. Veredas, Montes Claros (MG), Brasil, v. 17, n. 19, p. 1-21, 2023. DOI: 10.46551/ees.v18n20a03. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/veredas/article/view/25311>. Acesso em: 08 jun. 2024.

MARIS, Stella. Entrevista com a pesquisadora Stella Maris. *Línguas e Linguagens*, ISSN 1981-4755, v. 13, n. 24, p. 265-284, 1º Sem. 2012. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/download/7367/5406/26549>. Acesso em: 09 Jan. 2025

MARCONI, Mariana; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PERINI, M.A. **Para uma nova gramática do português**. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2004.

SILVA, Maria Lúcia da. **Um olhar sobre a prática docente na educação básica: que língua é ensinada em sala de aula?** Trabalho de conclusão de curso (Curso de Letras: Língua Portuguesa) – Universidade Federal de Alagoas, Campus de Arapiraca, 2018.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2011.

TRIVINHO, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.